

Almirante Aragão: o soldado *desconhecido* e a construção das memórias

ANDERSON DA SILVA ALMEIDA*

Não é comum encontrarmos na bibliografia sobre o Golpe de 1964, opiniões, análises ou reflexões que dizem respeito à atuação da mais antiga de nossas Forças Armadas, a Marinha do Brasil (MB), no processo de derrubada do presidente João Goulart e a posterior instalação da ditadura. Também não é comum encontramos obras que mostrem a versão institucional sobre o período. Este silêncio esconde ou camufla uma participação que, embora não possa ser comparada ao protagonismo do Exército, contribuiu indiscutivelmente para a permanência do regime durante vinte e um anos.

Isso não significa que toda a Marinha era golpista e conservadora. Na instituição também militavam oficiais e praças simpáticos ao projeto do presidente João Goulart e, a *arma* figura como corporação protagonista do fato que, para muitos, foi o estopim do desfecho político. Dificilmente o leitor que se debruçar sobre qualquer obra sobre o período não cruzará com palavras e siglas como CENIMAR, Rebelião dos marinheiros, cabo Anselmo, ou ainda, almirante Aragão. Todas fazem referência à Marinha e ao contexto em discussão.

É sobre este último que o presente artigo faz referência. Aragão foi figura fácil no noticiário pré-golpe, principalmente após ser nomeado pelo presidente João Goulart como Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, em dezembro de 1963. Sua atuação política junto a quadros das esquerdas desde a década de 1950 causou incômodo não só entre os militares, mas também em expressivos setores da sociedade. Atualmente, sua biografia não ocupa espaço na galeria das esquerdas nem na instituição à qual pertenceu. Por quê?

O soldado paraibano

Cândido da Costa Aragão nasceu na Paraíba no ano de 1907 e migrou para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, aos 19 anos, ‘tandido pela fome’, segundo suas

palavras.¹ Em 1926 iniciou a carreira militar como soldado fuzileiro-naval e apenas seis anos depois, aproveitando-se de uma reestruturação por qual passava o CFN, já era segundo-tenente. Nesse período, passou pelas graduações de cabo, terceiro-sargento, segundo-sargento e primeiro-sargento. Como oficial, serviu na fortaleza de Anhatomirim - em Santa Catarina -, fez curso de instrutor de educação física em escola do Exército Brasileiro (EB) e comandou a 1ª Companhia Regional na cidade de Ladário, fronteira do Brasil com a Bolívia, atual estado de Mato Grosso do Sul. Foi também instrutor de aspirantes e realizou curso de infantaria na Escola das Armas do antigo Ministério da Guerra. Em 1944, ou seja, durante a II Guerra mundial, foi nomeado comandante militar da ilha de Trindade. No ano seguinte, já como capitão-de-corveta, comandou o 2º batalhão de infantaria de fuzileiros navais (Batalhão Humaitá). Entre 1947 e 1949 passou por muitos altos e baixos na carreira militar. Nesse triênio foi matriculado no curso de comando da Escola de Guerra Naval (EGN), teve a matrícula cancelada, recebeu algumas punições disciplinares, mas voltou a ser readmitido na EGN nos cursos fundamental e especial.

No final de 1949, Aragão foi reformado, tendo direito à promoção a capitão-de-fragata, já na inatividade. Em abril de 1955 ele volta ao serviço ativo após decisão favorável do Tribunal Federal de Recursos e chega ao posto de capitão-de-mar-e-guerra. Em abril de 1960, no governo Juscelino Kubitschek, foi promovido a contra-almirante. Em outubro de 1963, nos fervorosos meses que antecederam o golpe civil-militar, foi promovido a vice-almirante pelo presidente João Goulart e, em dezembro do mesmo ano, foi nomeado comandante-geral do Corpo de Fuzileiros Navais. Um cargo estratégico em um momento crucial para o presidente Jango.

Com o golpe de 1964 - momento que sublinharemos em seguida - foi preso, *torturado* (CONY, 2004: 105-106) e incluído no primeiro Ato Institucional. Teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Depois de alguns meses preso, conseguiu habeas-corpus e recebeu asilo da embaixada do Uruguai, país que seria seu primeiro

*Doutorando em História na Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Núcleo de Estudos Contemporâneos – NEC. Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ). Este artigo é parte inicial de uma reflexão mais ampla a ser publicada em obra organizada pelas professoras Samantha Quadrat, Denise Rollemberg e Alessandra Carvalho, sobre História, Memória e Ensino das ditaduras no século XX.

¹ As informações constantes nessa página, assim como todos os dados referente à sua carreira na Marinha podem ser conferidos em ABREU, Alzira Alves et ali. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-30*. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001, p.269-271.

destino no exílio. Ao regressar em 1979, depois de ter passado por Cuba, China, Vietnã do Norte, Argélia, Egito, Tchecoslováquia, Chile, Portugal e Venezuela, foi preso no aeroporto, mesmo com a lei da anistia já em vigor. Só ficaria livre de todas as acusações e processos em fevereiro de 1981, quando foi absolvido pelo Superior Tribunal Militar (STM) (ABREU, 2001: 271).

A paisagem

Na manhã do dia primeiro de abril de 1964, no Palácio da Guanabara, sede do governo estadual, o governador Carlos Lacerda desafiou Aragão por uma rede de rádio:

‘O Palácio da Guanabara está sendo atacado, neste momento, por um bando de desesperados. Fuzileiros, deixem suas armas, porque vocês estão sendo tocados por um oficial inescrupuloso. Almirante Aragão! Almirante Aragão! Assassino, monstruoso! Incestuoso miserável. Deixe seus soldados e venha decidir comigo essa parada. Almirante Aragão, não se aproxime porque eu te mato com o meu révolver!’² (VILLA, 2004: 220).

Esse episódio traz uma questão interessante: um almirante, sendo desafiado pelo rádio, passando a ideia de que era o único temido pelos civis e militares golpistas no Rio de Janeiro.

Em 1964, a obra organizada por Alberto Dines, *Os idos de março e a queda em abril*, se tornou uma grande referência para entendermos como parte da imprensa interpretou e retratou aquele momento de turbulência política. Nas páginas finais do trabalho, encontramos uma imagem do almirante Aragão. A foto foi tirada na assembleia dos sargentos no Automóvel Clube do Rio de Janeiro, o último encontro do governo Jango. Na imagem, Aragão, vestido de terno e gravata, voltado para a plateia, ergue o braço esquerdo e é aplaudido pelos presentes. No entanto, o que mais nos impressionou foi um trecho do texto que ilustra a fotografia: “[...] o Almirante Aragão [...] repetiu seus espetáculos de ópera-bufa” (DINES et al, 1964: 361). Agora, este personagem aparecia não somente como o que foi pronunciado por Carlos Lacerda – *assassino, incestuoso* – também era apontado como um ator, da pior categoria, de ópera-bufa, e não foi o único espetáculo, era uma repetição.

²Acrescentamos trechos dessa fala de Carlos Lacerda que está disponível em: http://www.franklinmartins.com.br/som_na_caixa_gravacao.php?titulo=lacerda-ameaca-matar-o-almirante-aragao-pronunciamento#. Consultado em 10 ago. 2009. Na realidade o ataque não ocorreu, o Governador Lacerda agiu com base em informações desencontradas que transitavam naquele fatídico dia.

Em outras imagens que dizem respeito aos turbulentos dias que antecederam o golpe civil-militar de 1964, Aragão é presença constante. No intervalo entre os dias 27 - fim da rebelião dos marinheiros - e 31 de março, não é difícil encontrarmos sua fotografia nos jornais e revistas semanais. Imagens nas quais o almirante *fuzileiro-naval* aparece dando autógrafos, posando ao lado dos marinheiros, visitando marujos feridos, ou surpreendentemente, carregado nos ombros como um herói.³ Sua grande exposição midiática naqueles dias foi consequência direta de ter contrariado a decisão do ministro da Marinha, Sylvio Motta, de reprimir com o uso da força, a assembleia permanente dos marinheiros e fuzileiros navais no Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara. O ministro havia determinado a prisão de Aragão por insubordinação e o destituído do cargo de comandante-geral do CFN. Com a decisão do presidente João Goulart de atender as reivindicações dos marujos e a posse do almirante Paulo Mário da Cunha Rodrigues como ministro, Aragão reassumiu o comando e foi carregado nos ombros por um grupo de marinheiros libertados.

Agora, em nossas fontes, ele não era apenas o desafeto de Lacerda, nem o *ator de ópera-bufo*. Ele apareceu como um líder, com tratamento de herói, carregado nos ombros, dando autógrafos.

Almirantes e generais relembram...

Já para oficiais-generais, notadamente os que apoiaram o golpe, o fato de um militar do alto escalão ter sido carregado em triunfo por praças rebelados, marcou profundamente as imagens guardadas em suas memórias. De acordo com o almirante Ângelo Nolasco de Almeida “o Aragão é uma figura criada pela incompetência, digo assim, pela falta de opinião (...). O Aragão não tinha condições para ser oficial general” (ALMEIDA, 1986, CPDoc 1990). O general Euclides Bueno Filho pontuou: ‘recordo do Almirante Aragão, notório comunista, que costumava aparecer abraçado com marinheiros. Uma promiscuidade total!’ (MOTTA, 2003: 87, citado em ATASSIO, 2007: 137).

³Algumas dessas imagens estão no jornal O Globo, 28 mar. 1964, capa; e jornal Última Hora, 30 mar. 1964, caderno 1, p. 02 e Edição Vespertina, p. 02.

Dessa forma, percebe-se que não esqueceram Aragão. Quer preservando a mesma “fotografia” de 1964, ou reconstruindo, ressignificando e oferecendo nova interpretação sobre ele, o *silêncio* não é a tônica. A maioria o mantém do lado inimigo, o dos *esquerdistas*, que em pouco tempo iriam “entregar o Brasil aos soviéticos”, “fazer do Brasil uma nova Cuba”, “acabar com as igrejas e a família”, “exterminar as propriedades privadas”, “pintar a bandeira do Brasil de vermelho”, jargões muito eficientes do discurso anticomunista e com forte penetração social nas décadas de 1950-1960. Para esses, a quebra da hierarquia militar era o sinal que a subversão social estava em marcha. Um almirante nos ombros de soldados e marinheiros era inaceitável, incompreensível e incompatível com a visão de mundo não só de militares, como também da grande parte conservadora da sociedade, que o diga o editorial do Jornal do Brasil de 29 de março de 1964, conclamando que as Forças Armadas, e particularmente o Exército, deveriam agir pelo restabelecimento da legalidade e do estado de direito que, segundo o jornal, haviam sido afrontados no *episódio dos marinheiros* (NETTO In DINES et al, 1964: 59). Ou seja, um sonoro chamamento ao golpe.

As esquerdas

Nas visões das esquerdas, a figura de Aragão aparece bem mais diversificada e com uma maior dinâmica. Vários olhares, distintos retratos, mesmo entre aqueles que, em tese, teriam uma imagem mais simpática desse sujeito histórico. Segundo Paulo de Mello Bastos, que em 1964 fazia parte do secretariado do CGT (Comando Geral dos Trabalhadores):

“o almirante Aragão, *homem de pouca cultura* que falava muito e agia pouco, se desgastou com a crise [rebelião dos marinheiros], perdendo o acesso ao paiol de munições do Arsenal de Marinha (...). Havia entendimentos para, em caso de golpe, ele fornecer armas aos ferroviários da Leopoldina (...)” (BASTOS, 2003: 104; grifo meu).

Na opinião de Hércules Corrêa, deputado comunista e importante quadro do CGT em 1964, Aragão “era um *boquirroto*, botava pra quebrar. (...) também no exílio no Uruguai o Aragão sempre falou mais do que fez. E na hora de conseguir as armas para reagir ao golpe confessou não ter acesso ao paiol” (In BASTOS, 2006: 266). Outra voz que se junta a esse coro, é a do editor Enio Silveira, que em 1964 fazia parte do Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI). Em entrevista concedida a Dênis de

Moraes, ele afirmou ter tido uma conversa com Aragão na qual o militar teria dito, caso houvesse um golpe da direita, que: ‘Em menos de meia hora eu tomo a cidade, arraso o Palácio Guanabara’ (MORAES, 1989: 192). Enio Silveira sentenciou ainda que “o Aragão, na hora do golpe, *correu pelas ruas como um doido*. Um homem que com bravatas falhou completamente” (Ibid).

Além dos sindicatos, temos referências de estudantes que citaram essa angústia de ter esperado as armas que não apareceram. Um exemplo dos mais emblemáticos está na obra memorial de Fernando Gabeira, *O que é isso Companheiro?* Muito contestado (REIS FILHO e GASPARI, 1997) e ao mesmo tempo um sucesso de público, esse livro retrata outro Aragão, o almirante da esperança. Nele, Aragão é título de capítulo: *Fica conosco, Aragão* (GABEIRA, 1980: 15). Em linguagem literária, Gabeira escreveu que: “Todos esperavam que Aragão fosse atacar o Palácio Guanabara (...). Aragão esperava uma ordem do presidente, você [marinheiro Antônio Duarte] esperava uma ordem do Aragão e o tempo ia passando perigosamente” (Ibid: 18). Em seguida, Gabeira reflete: “De que adiantaria um ataque ao Palácio Guanabara? Se Aragão o ordenasse, os oficiais tinham condições de sabotá-lo de mil maneiras” (Ibid: 19).

Apesar de a questão da não resistência ser quase que lugar-comum, algumas fontes apontam a atuação dos fuzileiros navais em situações que indicam tentativas isoladas de resistência ao golpe. De acordo com Alberto Dines, a sede da Rádio e do Jornal do Brasil foi invadida no dia 31 de março por fuzileiros navais armados com pistolas, metralhadores e granadas com o objetivo de tirar do ar a Rádio e proibir a circulação do jornal. Os militares teriam saído após receber ordem de retirada (DINES, 1964: 342). Naqueles momentos, os navais ainda estavam sob as ordens de Aragão.

No dia 1º de abril, fuzileiros também invadiram os jornais *O Globo* e *Tribuna da Imprensa*, que apoiavam o golpe, paralisando as máquinas e retirando os funcionários das redações. Aragão teria ido pessoalmente nessas redações, alegando estar cumprindo ordens do governo.⁴ Segundo Avelino Capitani, marinheiro dirigente da AMFNB, eles também foram solicitados para fazer a segurança da rádio governista Mayrink Veiga e do prédio dos Correios e Telégrafos, onde estaria instalado o “comando da resistência” do governo Jango, formado por sindicalistas, políticos e militares (CAPITANI, 1997: 62). No mesmo dia, fuzileiros cumpriram com êxito a missão de resgatar sindicalistas

⁴ Correio da Manhã, 02 de abril de 1964, p.02.

que estavam encurralados pela polícia da Guanabara. Ainda sobre essa “resistência”, nos processos que constam no acervo do Brasil Nunca Mais, dois foram abertos contra o almirante Aragão e o “cabo” Anselmo, acusados de retirar armas do CFN com o objetivo de distribuí-las a trabalhadores e sindicalistas.⁵

No momento mais tenso e decisivo do golpe, o presidente João Goulart solicitou os fuzileiros navais para que montassem guarda no Palácio das Laranjeiras. Devido à proximidade com o Palácio Guanabara, Aragão teria manifestado a intenção de atacar o “Bunker” de Lacerda, mas não teria obtido a aprovação do presidente.⁶ A movimentação de um batalhão de fuzileiros navais nas proximidades da sede do governo, teria provocado o pronunciamento desesperado de Lacerda, contra Aragão, na manhã do dia 1º de abril. Ainda como parte dos entendimentos para uma possível *resistência*, Neiva Moreira relembrou que Brizola chegou a sugerir que Aragão convidasse o presidente Jango “a instalar-se nos Fuzileiros para, de lá, dirigir mensagem à Nação, decretando a mobilização geral, civil e militar contra o golpe” (LOUZEIRO, 1989: 175). O presidente, que esperava a decisão do general Amaury Kruel em São Paulo, capitulou quando o mesmo decidiu apoiar o golpe.

Aragão e a memória institucional

A primeira obra oficial sobre a história do CFN que tivemos acesso, diz respeito a um livreto datilografado de 1974 com o título “Histórico do Corpo de Fuzileiros Navais”. Com *apresentação* escrita pelo vice-almirante Roberval Pizarro Marques, comandante-geral, o livreto foi o sinal de que Aragão era uma *ovelha indesejada* na história dos fuzileiros navais. Em um trecho dedicado ao período em questão, uma passagem nos chamou a atenção:

“Já em 1963, Oficiais Fuzileiros Navais assinaram um *memorial* proclamando ostensivamente o repúdio da Corporação ante a investidura no cargo de Comandante-Geral, de *elemento indigno* de sequer vestir a farda dos Combatentes Anfíbios da Marinha” (MARQUES, 1974: 56; grifos meus).

⁵ Unicamp, Arquivo Edgard Leuenroth, Coleção Brasil Nunca Mais 028 e 263.

⁶ Para a ordem de Jango (SCHILLING, 1981: 81; LOUZEIRO, 1989: 175-177) Posteriormente, Aragão negou sua intenção de atacar o Palácio da Guanabara, mas considerou que ‘seria normal neutralizar o comportamento do senhor Carlos Lacerda, que fazia virulenta oposição ao presidente’. Biblioteca Nacional (BN). Jornal *O Globo*, 12 nov. 1998, Obituário, p.21.

Essa citação nos fornece o primeiro indício de como o alto comando dos Fuzileiros Navais, dez anos após os acontecimentos, viam o almirante Aragão. Ele era um “elemento indigno”, mas sem nome, não se menciona o seu nome em nenhum momento da pequena obra.

Em 1997 o comando-geral do Corpo de Fuzileiros Navais publicou o primeiro livro fotográfico, só lançado no ano seguinte, para celebrar o aniversário de 190 anos da instituição. Neste livro, Aragão já havia sido eliminado do álbum.

A terceira e última obra nos trouxe uma surpresa. Pela primeira vez, em pesquisa realizada em publicações do CFN, não encontramos um trabalho destinado somente aos leitores da *caserna*. Com o título *Os fuzileiros navais na história do Brasil*, o livro foi ilustrado com figuras e traços juvenis. Apesar de a obra ser assinada por uma pesquisadora civil, na realidade foi uma encomenda institucional. O brasão oficial do CFN está presente na capa (BIELINSKI, 2008). Seria uma espécie de “historiadora da casa”, na expressão de Pollak (POLLAK, 1989). O interessante é que a obra rompeu o silêncio da instituição a respeito de Aragão.

Pela primeira vez, em quarenta e cinco anos, o nome de Aragão foi relembrado com certa profundidade em uma publicação oficial do CFN. E a referência a ele não se limitou a essa passagem. Nas páginas seguintes, a autora reproduziu um manifesto de oficiais da Marinha, publicado no jornal *Tribuna*, de 10 de novembro de 1963, onde protestavam contra a nomeação do almirante Aragão para o cargo de comandante-geral. Segundo a autora, esse protesto era um sinal da preocupação dos oficiais com o destino da nação.

“[...] A Marinha de Guerra do Brasil foi surpreendida com a exoneração intempestiva do Comandante Geral do Corpo de Fuzileiros Navais e a nomeação de novo comandante. [...] Seu passado, excluído da Marinha Brasileira, *por não ter idoneidade moral, seus processos criminais, suas aventuras no campo da política partidária, seus tráficos de influência* e, principalmente, suas atitudes como Comandante da Guarnição do Quartel Central do Corpo de Fuzileiros, *cortejando subalternos*, minando a disciplina, corrompendo, fazem do Almirante Cândido da Costa Aragão o menos indicado dos componentes da nossa tradicional corporação, o Corpo de Fuzileiros Navais, para comandá-lo. [...] E, se amanhã, a cortina negra (sic) do arbítrio, caracterizada pelo golpe de Estado, descer sobre o Brasil, que não se diga que todos concordaram e, silenciosos, caminharam cabisbaixos para o tenebroso desconhecido [...]” (BIELINSKI, 2008: 113; grifos meus).

É esse o *memorial* que o livro de 1974 fez referência. Todo o silêncio da instituição, durante esses 45 anos, fora motivado por essas questões presentes nesse protesto e pela atuação de Aragão na defesa do presidente João Goulart. Para a Marinha, o problema não foi só ter sido carregado nos ombros por marinheiros e fuzileiros rebeldes em 1964. Tinha algo muito mais forte no passado [processos criminais, atuação política, tráficos de influência, cortejador de subalternos...], um passado reproduzido literalmente em 2008, um passado-presente. O Aragão que emerge desse livro é o mesmo de 1963. O silêncio não era esquecimento.

Considerações

Não é novidade que as memórias são construídas e reconstruídas sempre a partir do presente. Nesse longo percurso de idas e vindas, de passados-presentes e presentes-futuros, indivíduos e coletividade, sujeitos e instituições apresentam suas “verdades”, em uma refrega sem fim. As memórias sobre Aragão são um bom exemplo nesse sentido. Apagado da instituição e renegado ao ostracismo pelas esquerdas, muitos combates ainda serão travados para que sua trajetória seja analisada e compreendida dentro do contexto no qual sua trajetória foi construída.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira et ali. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-30*. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001.

ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

ATASSIO, Aline Prado. *A Batalha pela memória: os militares e o Golpe de 1964*. (Dissertação) Mestrado em Ciências Sociais – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2007.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900/2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BASTOS, Paulo M. *Salvo-conduto: um voo para a história*. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2003.

_____. *A caixa-preta do golpe de 1964*. Família Bastos, 2006.

- BIELINSKI, Alba Carneiro. *Os fuzileiros navais na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Agência 2ª Comunicação, 2008.
- BITTENCOURT, Armando de Senna (org.). *A importância do mar na história do Brasil - (Coleção Explorando o ensino; 13)*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CALLADO, Antonio, CASTELO BRANCO, Carlos, DINES, Alberto et al. *Os idos de março e a queda em abril*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964.
- CAPITANI, Avelino. *A Rebelião dos marinheiros*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- _____. *O espírito militar: um antropólogo na caserna*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CONY, Carlos Heitor. *O ato e o fato: o som e a fúria das crônicas contra o Golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- COSTA, Carlos Augusto. *Fuzileiros Navais: da praia de Caiena às ruas do Haiti*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2005.
- D'ARAÚJO, Maria Celina, SOARES, Gláucio Ary Dillon e CASTRO, Celso. *Visões do Golpe: a memória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- FIGUEIREDO, Argelina. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- FROTA, Sylvio. *Ideais traídos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- FUZILEIROS NAVAIS: *combatentes anfíbios do Brasil*. Rio de Janeiro: Action Editora, 1997.
- FUZILEIROS NAVAIS: *combatentes anfíbios do Brasil*. Rio de Janeiro: Action Editora, 2007.
- GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?* 18ª ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada: as ilusões armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIANNOTTI, Vito. *História dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: NPC/ Mauad X, 2007.
- JUREMA, Abelardo. *Sexta-feira, 13: os últimos dias do Governo João Goulart*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964.
- LABORIE, Pierre. *Lês français dès années troubles. De la guerra d'Espagne a la Liberation*. Paris: Seuil, 2003.
- LOUZEIRO, José. *Neiva Moreira: depoimento a José Louzeiro*. São Paulo: Terceiro Mundo, 1989.
- MARQUES, Roberval Pizarro (Apresentação). *Histórico do Corpo de Fuzileiros Navais (livreto)*. Rio de Janeiro, 1974.

- MORAES, Denis de. *A esquerda e o golpe de 64*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1989.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.
- MOURÃO FILHO, Olympio. *Memórias: a verdade de um revolucionário*. Porto Alegre: L&PM, 1978.
- NETTO, Araújo. “A paisagem”. In DINES, Alberto et al. *Os idos de março e a queda em abril*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1964.
- PAIVA, Cláudio Lacerda (Org.). *Carlos Lacerda: depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, vol.2, n.03. Rio de Janeiro, 1989.
- REIS FILHO, Daniel Aarão, GASPARI, Elio. *Versões e ficções: o seqüestro da história*. São Paulo: Perseu Abramo, 1997.
- RODRIGUES, Flávio Luís. *Vozes do mar: o movimento dos marinheiros e o golpe de 1964*. São Paulo: Cortez, 2004.
- SCHILLING, Paulo. *Como se coloca a direita no poder, vol. 2: os acontecimentos*. São Paulo: Global Editora, 1981.
- SILVA, Hélio. *A vez e a voz dos vencidos: militares x militares*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- SILVA, Manoel Caetano. *Histórias de fuzileiros navais brasileiros: subsídios para a história do corpo de fuzileiros navais*. 1ª ed. Guanabara: Folha Carioca Editora, 1961.
- TOLEDO, Caio Navarro de. “1964: o golpe contra as reformas e a democracia”. In REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo e SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (Orgs.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.
- VILLA, Marco Antônio. *Jango: um perfil (1945-1964)*. São Paulo: Globo, 2004.

Entrevistas

- Entrevista de Raimundo Porfírio Costa ao autor. Rio de Janeiro, 20 de mai. 2009.
- Entrevista de Paulo Novaes Coutinho ao autor. Rio de Janeiro, 09 de nov. 2008.
- Entrevista de Dilma da Costa Aragão ao autor. Rio de Janeiro, 13 out. 2009.
- Entrevista de Ângelo Nolasco de Almeida ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas - CPDoc/FGV. Rio de Janeiro, 1986. Disponível em <http://www.fgv.br/cpd/doc/historiaoral/arq/Entrevista29.pdf>. Acesso em 01 jun. 2011.